

Relatório Anual 2016



**Olá participante!
Seja muito bem-vindo!**

O ano de 2016 demonstrou a complexidade do nosso tempo. Ele nos desafiou a superar o momento político e econômico do país para fazer o melhor aos nossos participantes.

Foi um ano de rico aprendizado, com relações intensificadas pela conjuntura e mudanças velozes. O período que passamos e ainda estamos a enfrentar denota a importância da preparação. Estar preparado significa estar à frente de qualquer crise e sentir-se confiante para atravessá-la.

No intenso movimento de assimilar essa nova realidade, reforçamos a aliança e nosso compromisso com todos que fazem parte desta Entidade e esperam dela a solidez para desbravar o futuro com segurança.

Por isso, mais do que nunca, garantir a transparência na comunicação de nossa saúde patrimonial, atuarial e de investimentos é a melhor forma de mostrar nosso trabalho a você, participante.

Acompanhe de perto o seu plano de previdência complementar e, em caso de dúvidas, consulte a Entidade por meio dos canais de comunicação disponibilizados. Teremos o maior prazer em ajudá-lo.

A você, participante, uma boa leitura!

Um grande abraço,

CITIPREVI



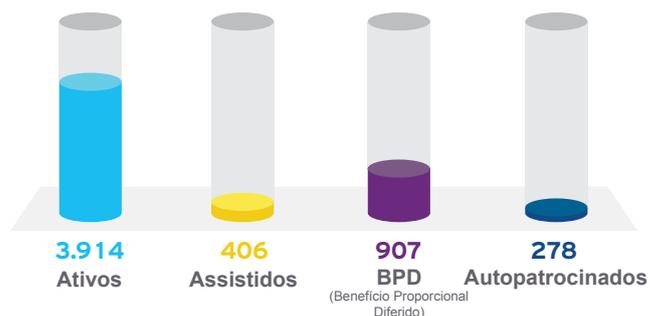
3003 5433 (capitais e grandes centros)
0800 638 5433 – opção 5
(capitais e grandes centros)

citiprevi@metlife.com.br
www.citiprevi.com.br

O Plano de Aposentadoria Suplementar em 2016

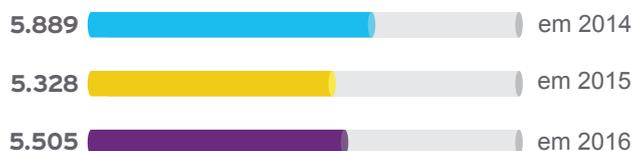
Conheça um pouco mais o tamanho do seu Plano

Quantidade de participantes



Número total de participantes

Veja o número total de participantes do Plano de Aposentadoria Suplementar nos últimos 3 anos.



Patrimônio do Plano de Aposentadoria Suplementar

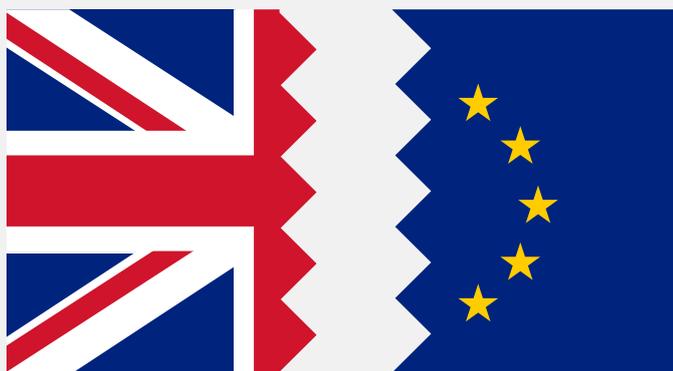
Evolução do nosso patrimônio nos últimos 3 anos: total da reserva acumulada pelos participantes e patrocinadoras para pagar os benefícios futuros de cada um.



Desempenho econômico 2016 e perspectivas 2017

Como foi o desempenho da economia mundial em 2016?

O ano de 2016 foi marcado por diversas mudanças, tanto no cenário doméstico como internacional. Começamos 2016 presenciando uma piora do cenário econômico mundial, com indicadores desfavoráveis das principais economias globais. Ao decorrer do ano, este cenário foi se atenuando, o que levou ao aumento da busca por ativos mais atrativos em outros mercados, beneficiando, assim, países com prêmio de risco mais elevado, como é o caso do Brasil.



Com relação à Zona do Euro, houve uma ligeira recuperação da economia em 2016, depois de serem colocados novos estímulos monetários pelo Banco Central Europeu nos meses anteriores. Embora modesto, o crescimento econômico na região tem ganhado certa consistência, processo que envolve também uma lenta redução da taxa de desemprego (9,6% em Dezembro). Com foco na recuperação da demanda, a política monetária do Banco Central Europeu (BCE) seguirá expansionista, com a manutenção do programa de compras de ativos até o final do ano de 2017. Na Zona do Euro, o calendário político também continuará em foco, em especial na Alemanha, na França e na Holanda, onde serão realizadas eleições ao longo do ano.

- O PIB da Zona do Euro avançou 1,7% em 2016 e deve crescer 1,5% em 2017;
- Elevação da inflação trará alguma pressão sobre o Banco Central Europeu (BCE);
- Ao longo do ano, eventos políticos podem criar maior instabilidade.



Do outro lado do mundo, no mês de novembro, tivemos outro choque no âmbito internacional e um novo cenário global com a

eleição de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos. Isto gerou novas incertezas relacionadas à postura desse novo governo e sua agenda pautada em políticas protecionistas, o que poderá causar impacto na política monetária do Fed (Federal Reserve). Tais fatores resultaram em altos níveis de aversão ao risco e precificação de ativos globais, incluindo as taxas de câmbio.

A perspectiva das políticas econômicas nos EUA a serem adotadas permaneceu difusa, com um claro viés desfavorável ao comércio global, por conta do protecionismo, e uma agenda pautada em expansão fiscal. Percebeu-se, também, certo distanciamento de laços e compromissos com os acordos internacionais. Por outro lado, houve redução de impostos, menor regulamentação e gastos com infraestrutura.

- Atividade econômica: após avançar 3,5% no 3Q16, a economia registrou crescimento de 1,9% no 4Q16, encerrando o ano com crescimento de 1,6%;
- Espera-se mais três altas na taxa de juros pelo FED em 2017;
- Se mantém a expectativa de adoção da política fiscal expansionista e a adoção de políticas protecionistas pelo governo Trump.



Sobre a China, os índices de atividade de Serviços e Industriais sinalizaram, em julho de 2016 uma melhora dos dados de atividade. No mercado cambial, o Yuan seguiu em tendência de desvalorização perante a cesta de moedas internacionais. No entanto, o país permaneceu no radar de monitoramento do mercado, dada a tendência de desaceleração de sua economia e o alto nível de endividamento privado. A política cambial permanece visando a depreciação da moeda, auxiliada pela apreciação do dólar americano.

- O PIB avançou 6,8% no 4Q16, encerrando o ano com crescimento de 6,7%;
- A economia chinesa deve avançar 6,5% em 2017;
- Política comercial do governo Trump pode gerar alguma reação do governo chinês.

E no Brasil, como foi o desempenho da economia em 2016?



No Brasil, começamos o ano de 2016 com um cenário de impeachment, até então improvável ou com possibilidades muito baixas. Ao longo dos meses, o foco sobre o Brasil continuou a ser o ambiente político e uma eventual mudança de governo ou da política econômica. Cada possibilidade de troca de governo refletia na precificação dos ativos locais, movimento esse que foi classificado como “rali de impeachment”.

Em meados de abril, o mercado já havia tomado como base a possibilidade de impeachment e as expectativas passaram a ser em torno de como seria o mandato de um novo governo, com Temer assumindo a presidência. Com isso, observou-se a melhora dos principais ativos brasileiros e a entrada de capitais no país.

O novo presidente do Banco Central se mostrou mais ortodoxo a respeito das políticas adotadas pelo órgão, sinalizando ao mercado uma postura menos tolerante com relação à inflação e uma menor intervenção por parte do Banco Central sobre a política cambial.

Após a definição do impeachment o Banco Central do Brasil iniciou um ciclo de cortes de juros.

Nos últimos meses do ano, tivemos o cenário político bastante agitado, com embates entre os poderes legislativo e judiciário, além da votação da PEC dos gastos. Essa PEC sinaliza um primeiro passo em direção ao reequilíbrio estrutural das contas públicas do País. Tivemos também em pauta a reforma da Previdência, mas que ainda deve tramitar ao longo de 2017.

Entendendo um pouco mais do que aconteceu no Brasil em 2016: Conjuntura Econômica

Ao longo de 2016, tivemos um ambiente de descoordenação política, que gerou efeitos negativos sobre a economia, com redução da expectativa de controle inflacionário, escassez de crédito e um ambiente de negócios turbulento.

Os números continuaram em declínio, reflexo da fraca atividade econômica, resultando em revisões baixistas do PIB e piora das estimativas. Por conta desses fatos, o nível de confiança dos agentes seguiu em patamares baixos.

Tivemos uma ligeira melhora das expectativas fundamentada na evolução do PIB do primeiro trimestre, que surpreendeu positivamente ao mostrar uma contração menor que a esperada. No entanto, o segundo trimestre permaneceu com a contração da atividade econômica, dada a deterioração do emprego, das condições de crédito sobre o consumo e das incertezas sobre os investimentos.

Na reunião do Copom, realizada em janeiro de 2017, tivemos o anúncio de redução em 75 pontos percentuais da taxa básica de juros, surpreendendo positivamente o mercado. Um dos fatores que suportou a aceleração do corte dos juros foi a surpresa inflacionária positiva do final de 2016, com redução das projeções para 2017, além da atividade econômica mais fraca que o esperado.

Em fevereiro deste ano, tivemos novamente a confirmação das expectativas do mercado com o Banco Central anunciando um novo corte dos juros em 75 pontos-base. A percepção de seu comunicado aparentemente deixa a porta aberta para haver tanto um ciclo de cortes de juros mais extenso do que o precificado, como mais intenso.

O próprio BCB, no entanto, reforçou a importância da manutenção no ritmo de aprovação de reformas, ressaltando o seu papel fundamental para a reversão da situação fiscal (ainda crítica) do país.

A visão é que o Copom deve intensificar o ritmo de afrouxamento monetário em seus próximos encontros. Espera-se que o Brasil siga em uma intensa queda de juros em 2017, podendo fechar o ano com uma taxa básica de juros de um dígito. Isso propiciaria um ambiente favorável para recuperação gradual da economia.

No entanto, até o momento, a situação brasileira permanece preocupante. Continuamos com dados ainda fracos em atividade e produtividade, além do mercado de trabalho em deterioração.

Sobre a inflação, em 2016, observa-se uma taxa de 6,29%, voltando a convergir para dentro das bandas de inflação estipuladas pelo Banco Central. Esse resultado veio como consequência da postura mais ortodoxa dos formuladores de políticas econômicas, além da elevada taxa de desemprego, ocasionada pela fraca atividade econômica do país.

E o mercado financeiro, como se comportou em 2016?

Renda Fixa

O ano de 2016 foi bastante positivo para o segmento de Renda Fixa. Logo no início, com o ambiente global e político conturbado, o mercado estava avesso ao risco e pessimista com segmentos mais agressivos como a Bolsa de Valores brasileira. Com isso, no final de 2015 e início de 2016, houve um aumento de posição em ativos de menor risco, somado a um ambiente propício a esses investimentos devido aos juros altos.

No decorrer do ano, dada as mudanças institucionais no governo brasileiro e o início do ciclo de queda de juros brasileiro, possibilitada pela redução das taxas de inflação, houve uma queda dos prêmios de juros em todos os seus vencimentos, gerando fortes ganhos para as carteiras posicionadas em títulos pré-fixados e indexados à inflação.

Renda Variável

Começamos 2016 com trajetória negativa de Renda Variável, reflexo da baixa expectativa dos dados de nossa economia. Porém, já em fevereiro, houve um grande volume de negociações, invertendo a trajetória de queda e corrigindo, assim, parte do retorno negativo dos últimos meses de 2015. Isso se deu principalmente com as commodities, em especial do minério, que beneficiou o mercado acionário brasileiro.

Podemos citar ainda a repercussão global do resultado das eleições nos Estados Unidos, o que resultou em forte movimento de abertura dos juros e impactou a precificação dos ativos em esfera Global.

Câmbio

O processo de desvalorização de nossa moeda vinha como resposta ao desempenho de nossa economia, aos dados menos animadores da economia global e à nova postura dos agentes monetários globais.

Ao longo do ano, houve melhora do ambiente para ativos de risco no exterior e recuperação do preço das commodities, aumento do petróleo e a expectativa da troca do governo brasileiro, o que favoreceu a apreciação do Real frente à moeda norte americana. Assim, vimos o dólar sofrendo forte desvalorização perante o Real e um grande volume financeiro de entrada de capitais estrangeiros no país.

Muito da precificação do Real, está de acordo com o aumento das taxas de juros nos EUA (expectativa de dois aumentos neste ano e três aumentos em 2018). Outro fator é o andamento positivo do ajuste fiscal no Brasil, com a consequente redução do risco-país, deve continuar a ser um fator positivo para a moeda. E a continuidade da recuperação dos preços das commodities, em função da perspectiva de recuperação da atividade econômica global, também podendo ajudar na valorização do Real;

Abaixo, apresentamos alguns indicadores relevantes do ano de 2016:

- Retração de 3,6% do PIB (Produto Interno Bruto);
- Inflação de 6,29% medida pelo IPCA, voltando a ficar dentro do limite superior de 6,50% (Base dezembro/2016);
- Taxa básica de juros fechou o ano em 13,75% atualmente está em 12,25% e podendo encerrar 2017 em 9%;
- Ibovespa com valorização de 38,94%;
- -16,54% desvalorização considerável do dólar (Dólar Ptax) frente ao real.

Perspectivas para 2017

Economia Internacional

As perspectivas para o cenário internacional sobre o desempenho econômico mostram-se positivas, em especial quando comparadas ao padrão recente pouco animador. Por outro lado, há inúmeros obstáculos e desafios ao longo do ano do ponto de vista internacional, aspectos esses que ameaçam a visão mais construtiva que tem se desenhado com relação às principais economias.

Nos Estados Unidos, com a nova agenda a ser implementada pelo novo governo, a economia deve ganhar impulso, por conta de estímulos e de um mercado de trabalho ainda aquecido. O novo governo tem sinalizado medidas expansionistas do lado fiscal, via cortes de impostos, menor regulamentação, elevações de gastos públicos e afrouxamento do crédito.

Na Zona do Euro, observa-se um ciclo suave de investimentos por parte das autoridades monetárias europeias, com leves reduções de incentivos ao longo do ano, além do aumento gradual do consumo das famílias e crescimento sutil da produção e utilização da capacidade das empresas europeias.

Sobre a China, nota-se melhora em sua margem, pautada no crescimento via concessão de crédito e construção. A política cambial permanece visando à depreciação da moeda, auxiliada pela apreciação do dólar americano. A China continuará tendo como desafio os desequilíbrios internos e um quadro global mais hostil, na tentativa de manter o bom desempenho econômico e o alcance das metas de crescimento.

Economia Brasileira

Os resultados indicam uma atividade econômica ainda fraca, com dados pouco robustos. Para uma análise mais a médio e longo prazo, devemos olhar os fundamentos estruturais do país, entre eles o quadro fiscal, que permanece crítico. Continuamos na expectativa de novas reformas no âmbito fiscal.

Com relação ao mercado financeiro, a Renda Fixa continua apresentando retornos positivos e boas oportunidades para os investimentos de longo prazo, com atenção para a volatilidade das curvas de juros e novos cortes de juros no curto prazo.

O segmento de Investimentos Estruturados dá a possibilidade de proporcionar uma rentabilidade superior à dos investimentos de Renda Fixa convencionais, mas assumindo um nível de risco mais elevado.

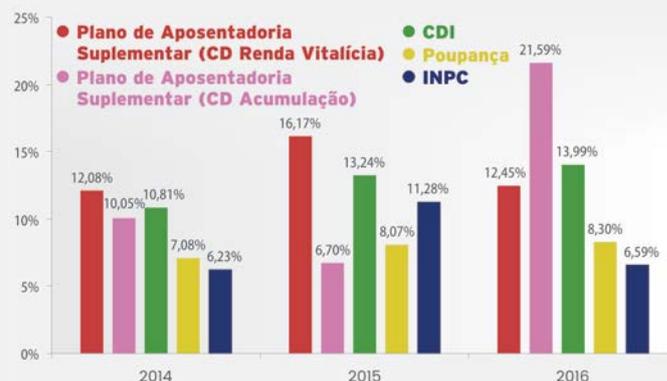
Para a Renda Variável, a perspectiva é que em 2017 se mantenha cercada por incertezas, num ambiente global mais turbulento, envolto pelas expectativas dos agentes com as possíveis medidas adotadas pelo governo Trump, elevação dos juros dos Estados Unidos e apreciação da moeda norte americana. Em relação à parcela doméstica, percebemos um mercado que tende a ser muito influenciado pelos dados dos indicadores de nosso país e a valorização das commodities.

Resultado dos investimentos

Diante do cenário descrito acima, a rentabilidade adquirida pelos investimentos realizados pela CITIPREVI neste exercício é considerada satisfatória, com políticas de investimentos adequadas à situação e com foco na preservação do patrimônio da entidade e dos seus participantes.

Rentabilidade do seu plano

Comparativo de rentabilidade com os principais índices econômicos (CDI, poupança e INPC) nos últimos 3 anos.



Condição patrimonial e contábil

O balanço patrimonial é a demonstração contábil que apresenta o conjunto de bens e direitos (ATIVO) e as obrigações (PASSIVO), ao final de cada ano, da CITIPREVI. Em uma Entidade Fechada de Previdência Complementar, a melhor maneira de acompanhar e conhecer a situação patrimonial e financeira é analisar o balanço patrimonial.

Confira, abaixo, a situação das principais contas do balanço patrimonial da CITIPREVI em 2016 e em 2015.

ATIVO	31/12/2016	31/12/2015
Disponível	573	611
Realizável	2.742.326	2.383.954
Total do ativo	2.742.899	2.384.565

PASSIVO	31/12/2016	31/12/2015
Exigível operacional	12.530	10.232
Exigível contingencial	304	-
Patrimônio social	2.730.065	2.374.333
Total do passivo	2.742.899	2.384.565

Para a KPMG Auditores Independentes as demonstrações contábeis da CITIPREVI apresentaram adequadamente, em 31 de dezembro de 2016, a posição patrimonial e financeira da Entidade, estando de acordo com as disposições legais dos órgãos normativos e reguladores das atividades das Entidades fechadas de previdência complementar.

Condição patrimonial e contábil do plano

Demonstrações das mutações do ativo líquido por plano de benefícios - Plano de Aposentadoria Suplementar Citibank CNPB: 1985.0016-83 (em R\$ mil)

DESCRIÇÃO	2016	2015	Variação (%)
A) Ativo líquido - Início do exercício	1.000.389	954.117	4,85%
1. Adições	241.456	137.780	75,25%
(+) Contribuições	50.991	51.908	(1,77%)
(+) Resultado positivo dos investimentos -			
Gestão previdencial	190.465	85.872	121,80%
2. Destinações	(54.145)	(52.182)	3,76%
(-) Benefícios	(52.250)	(50.338)	3,80%
(-) Custeio administrativo	(1.895)	(1.844)	2,77%
3. Acréscimo (decréscimo) no ativo líquido (1+2)	187.311	85.598	118,83%
(+/-) Provisões matemáticas	176.037	77.431	127,35%
(+/-) Fundos previdenciais	5.043	4.826	4,50%
(+/-) Superávit técnico do exercício	6.231	3.341	-
4. Operações transitórias	-	(39.326)	-
B) Ativo líquido - Final do exercício (A+3+4)	1.187.700	1.000.389	18,72%
C) Fundos não previdenciais	84	156	(46,15%)
(-) Fundos administrativos	84	156	(46,15%)

Parecer atuarial

A Avaliação Atuarial foi realizada pela Mercer Human Resource Consulting Ltda. A consultoria atesta que, com base nas hipóteses e métodos atuariais adotados em 31 de dezembro de 2016, o Plano de Aposentadoria Suplementar da CITIPREVI está equilibrado, ou seja, financeiramente estável para pagamento dos benefícios concedidos e a conceder. A continuidade do plano depende exclusivamente do pagamento das contribuições previstas nos Planos de Custeio para manter este equilíbrio.

Adicionalmente, a consultoria atesta que os dados dos participantes utilizados nesta avaliação atuarial, bem como as hipóteses e métodos atuariais adotados, atendem à legislação aplicável e foram considerados adequados.

Despesas Administrativas (em R\$)

	Plano de Aposentadoria Suplementar	
	2016	2015
1. Administração dos investimentos *		
Serviços de terceiros	3.049	4.119
Taxa de administração dos investimentos	2.555	3.129
Taxa de custódia	361	315
Tributos	134	119
Corretagens fundos investimentos	-	165
Auditoria e custódia fundos investimentos	-	164
Fiscalização fundos investimentos	-	136
Outras	-	91
2. Administração previdencial **	1.995	1.712
Serviços de terceiros	1.742	1.534
Administração do plano	1.054	988
Consultoria atuarial	390	312
Desenvolvimento do plano	190	116
Auditoria contábil	52	45
Consultoria jurídica	14	30
Outras	42	43
Despesas gerais	252	178
Tributos	202	133
Associação de classe/treinamentos	36	33
Serviços gráficos	13	12

* A administração dos investimentos é totalmente terceirizada e as despesas correspondente são custeadas pela rentabilidade dos investimentos.

** As despesas de administração do programa previdencial são de responsabilidade das patrocinadoras.

Resumo da Política de Investimentos - 2017

PLANO DE APOSENTADORIA SUPLEMENTAR CITIBANK

Administrador Estatutário Tecnicamente Qualificado

Segmento: Plano | Nome: André Madarás | CPF: 118.475.048-33 | Cargo: Diretor
Data de Aprovação pelo Conselho Deliberativo: 09/12/2016

Alocação dos Recursos

Segmento	Mínimo	Máximo	Alvo
Renda Fixa	79%	91%	85%
Renda Variável	9%	21%	15%

Indexador por Plano/Segmento

Segmento	INDEXADOR
Renda Fixa	41% (102%)IMA-S + 31% IRFM + 28% IMAB
Renda Variável	75% IBrX-100 Fech + 25% (IBrX-100 Fech + 4%)
Plano	33% (102% IMA-S) + 22% IMA-B + 24% IRFM + 16% IBrX-100 Fech + 5% (IBrX-100 Fech + 4%)

Controle de Riscos

Tipo		Tipo	
Risco de Mercado	X	Risco Operacional	X
Risco Legal	X	Risco de Contraparte (Crédito)	X
Risco de Liquidez	X		

Derivativos

A Entidade aplica em derivativos em conformidade com a Resolução CMN 3792 e demais legislações aplicáveis.

PLANO DE GESTÃO ADMINISTRATIVA - PGA

Administrador Estatutário Tecnicamente Qualificado

Segmento: Plano | Nome: André Madarás | CPF: 118.475.048-33 | Cargo: Diretor
Data de Aprovação pelo Conselho Deliberativo: 09/12/2016

Alocação dos Recursos

Segmento	Mínimo	Máximo	Alvo
Renda Fixa	100%	100%	100%

Indexador por Plano/Segmento

Segmento	INDEXADOR
Renda Fixa	100% IMA-S
Plano	100% IMA-S

Controle de Riscos

Tipo		Tipo	
Risco de Mercado	X	Risco Operacional	X
Risco Legal	X	Risco de Contraparte (Crédito)	X
Risco de Liquidez	X		

Derivativos

A Entidade aplica em derivativos em conformidade com a Resolução CMN 3792 e demais legislações aplicáveis.

Educação Financeira e Previdenciária

Apertem os cintos... estamos em crise

Muitas famílias brasileiras estão passando por dificuldades neste período de crise na Economia do país, seja por conta da perda do emprego de um dos membros que ajudam a compor a renda familiar, ou simplesmente a dificuldade de manter o orçamento doméstico com os preços subindo continuamente.

No entanto, poucas pessoas param para refletir e dão voz à consciência ao se ajustarem



à nova realidade. O fato é que é preciso readequar os gastos e reduzir despesas, mas o que é importante saber antes de colocar a caneta no seu orçamento doméstico?

Despesas não emergenciais podem ser muito importantes para serem cortadas

Comumente, um dos primeiros cortes de gastos considerados num momento de crise se refere àquelas despesas cujo benefício não tem impacto imediato na família, como exemplos, a contribuição ao plano de previdência complementar ou o pagamento de um seguro de vida ou residencial.

No entanto, este período poderá custar caro no futuro ou no caso de uma eventualidade. Preservar a estabilidade financeira da família é essencial especialmente em momentos de crise, afinal, além de todo o cenário negativo, atravessar uma possível perda adicional agravará de forma considerável a situação.

Especificamente no caso do plano de previdência, ao suspender as contribuições, o participante perde a oportunidade de acumular recursos para a aposentadoria e os juros do período e posterga uma crise financeira progressiva para o futuro.

Fazer uso de poupança formada com propósito futuro não é uma boa saída

Por exemplo, resgatar os recursos do fundo de pensão quando se desliga da empresa ou fazer uso da poupança destinada à educação futura dos filhos.

Quando o plano de previdência é contributivo e permite resgate do saldo, ao menos referente à parte do participante, grande parte dos beneficiários de fundos de pensão resgatam seus recursos quando se desligam da empresa patrocinadora. Isso prejudica o planejamento da aposentadoria, pois um dinheiro que levou anos para ser poupado é liquidado em poucos meses e o tempo dispendido para formar esta poupança, perdido. E aí fica a questão: quando será retomado este planejamento futuro e quanto tempo levará para acumular a mesma quantia?

Outra questão é fazer uso de poupança que será necessária em um futuro breve, como a formação de reserva para custear o estudo dos filhos. A necessidade deste dinheiro chegará muito mais rápido do que a capacidade de poupança e a recuperação do saldo utilizado.

Normalmente queremos manter nosso estilo de vida, mesmo que ele custe caro ao nosso bolso

Uma maneira de nos fazer sentir confortáveis ao atravessar um momento de crise é a constância no padrão de vida, ou seja, enquanto conseguimos manter os prazeres do dia a dia podemos nos sentir otimistas e seguros.

Infelizmente esse comportamento nos dá uma falsa sensação de tranquilidade, já que ele drena recursos que poderíamos fazer o pé de meia da família para enfrentar a crise. Se antecipar aos cortes de gastos gradualmente antes que eles sejam necessários é uma forma de evitar sofrimento no derradeiro momento do esgotamento de recursos.

Não encare a mudança do padrão de vida como sacrifício e privação de felicidade

Em função da nossa cultura, quando deixamos de consumir ou diminuímos alguns prazeres aos quais estávamos habituados é visto por muita gente como atos de sacrifício e perda.

Este tipo de pensamento faz com que, em momentos de necessidade, as pessoas apontem suas canetas para as linhas erradas do orçamento doméstico, cortando despesas relevantes e necessárias para beneficiar os gastos que compõem o estilo de vida da família.

É muito comum vermos pais endividados que não conversam abertamente com seus filhos e permanecem no vermelho para manter o padrão de vida das crianças.

Não caia nesta. Envolve o cônjuge e os filhos nesta missão de organizar as finanças domésticas e otimizar os gastos da casa e lembre-se que um ambiente familiar sem dívidas é muito mais equilibrado, seguro e até mesmo prazeroso do que o consumo insustentável.

